

O olhar da infância

No mês em que se comemora o Dia das Crianças, o Maré de Notícias destaca os sonhos e desejos de um grupo de pequenos moradores. **PÁGINA 16**

Aberta a campanha de doação de leite materno nas unidades de saúde

PÁGINAS 4 E 5

A importância da primeira infância no desenvolvimento de uma criança

PÁGINAS 8 E 9

O Tik Tok é sucesso no mundo infantil, mas os pais precisam acompanhar seu uso de perto

PÁGINAS 14 E 15

MATHEUS AFFONSO



‘Estudar é um ato político’

A professora e escritora mareense Adriana Kairos, de 45 anos, dedica sua vida a tornar a educação e a literatura acessíveis a quem vem da classe trabalhadora, da favela e da periferia.

PÁGINA 3

Correndo atrás do prejuízo

Para quem pode, a solução para diminuir os flagrantes prejuízos na aprendizagem dos estudantes tem sido recorrer ao reforço escolar pago, já que as escolas públicas ainda não têm uma política efetiva para isso.

PÁGINAS 10 E 11

MATHEUS AFFONSO



EDITORIAL

Sejam muitos bem-vindos a esta edição especial em homenagem às crianças – inclusive as que habitam cada um de nós. Fazer contato com essa “criança” interior é poder ser mais gentil, mais leve e mais alegre com a vida. Em tempos pandêmicos, essas pequenas atitudes se transformam em grandes possibilidades de sobrevivência.

Aos poucos, estamos retomando uma certa normalidade após mais de 80% da população da Maré ter sido vacinada, por meio de uma linda campanha de mobilização. A segunda dose já está chegando: será de 14 a 16 de outubro e, claro, receberá da equipe do Maré de Notícias uma cobertura especial. Afinal, o momento é histórico.

Nesta edição, trazemos matérias que falam dos benefícios da amamentação, abordando a campanha para doação de leite humano; da primeira infância, destacando a importância dessa fase da vida para o desenvolvimento do ser humano; e dos impactos da falta de aulas na educação dos mareenses.

Ainda sobre a infância, nossa reportagem sobre a relação entre as crianças e as redes sociais – especialmente o TikTok – traz um enfoque de comportamento. Afinal de contas, as dancinhas e dublagens se tornaram presenças constantes do dia a dia dos pequenos mareenses – assim como no resto do mundo. As possibilidades do mundo digital habitam de maneira cada vez mais contundente o imaginário das crianças e os especialistas apontam que cuidados devemos priorizar para o amadurecimento saudável daqueles que praticamente nasceram com um celular nas mãos.

Também enfatizamos nesta edição a questão da saúde da mulher, mostrando a ausência de atendimentos e de médicos ginecologistas nas unidades de saúde do território e cobrando da Prefeitura uma posição oficial – estamos torcendo para que essa situação se reverta o quanto antes.

Para ficarmos mais orgulhosos ainda de sermos da Maré, esse número traz o perfil de Adriana Kairos, professora e escritora que dedica a vida a tornar a educação e a literatura acessíveis à classe trabalhadora que vem da favela e da periferia.

Boa leitura e não se esqueça: máscaras, higiene das mãos e distanciamento social salvam vidas; a segunda dose está chegando e queremos ver a vacina no braço de todo mundo!

CHARGE - NANDO MOTTA



HUMOR

Um pescador experiente de Marcílio Dias perguntou para um colega da Praia de Ramos:

"Você sabia que 50% do salmão é composto de sal?"

"Não", respondeu o amigo. "E os outros 50%?"

"Mão."

ENVIE SUA POESIA,
FOTO, RECEITA
OU PIADA. ESTE
ESPAÇO É SEU!

contato@marenoticias.com.br

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

rede da **maré**

PARCERIA:

actionaid

MARÉ
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.mareonline.com.br
marenoticias@gmail.com
contato@marenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Campanha Climão
Casa Preta da Maré
Centro de Artes da Maré
Espaço Normal

EDITORA EXECUTIVA E
JORNALISTA RESPONSÁVEL

Daniele Moura
(Mtb 24422/RJ)

EDITORES

Edu Carvalho

Tamyres Matos

(Mtb 32434/RJ)

COORDENADORES DE
DISTRIBUIÇÃO:

Arthur Viana

Henrique Gomes

Luiz Felipe de Oliveira

Bacelar

DISTRIBUIDORES:

Antônia Valéria Lins e Silva

Cristiane dos Santos

Jonathan Ribeiro Da Cruz

Lucas Frederico Brandão

Leonardo da Silva

Marcela Ferreira Silva Gomes

Marcelo Sergio Silva Braz

Pedro de Oliveira

Valdemir Gomes da Cunha

Júnior

COLABORARAM NESTA
EDIÇÃO

Data_Labe
Edu Carvalho
Gracilene Firmino
Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)

Tamyres Matos

(Mtb 32434/RJ)

FOTOGRAFIA

Douglas Lopes
Matheus Affonso

REVISÃO

Julia Marinho

PROJETO GRÁFICO

Mórula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Parque gráfico da Infoglobo

TIRAGEM

40 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO
REPRESENTAM A OPINIÃO
DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO
DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA
A FONTE.

Acompanhe o **Maré de Notícias** na internet!



@marenoticiasoficial



@marenoticias



@MareNoticias



(21) 97271-9410



contato@marenoticias.com.br



www.mareonline.com.br

GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é entregue de porta em porta nos 47 mil domicílios das 16 favelas da Maré. Se por acaso não chegar na sua casa, avise-nos pelo WhatsApp (21) 97271-9410, via redes sociais (@marenoticias) ou ainda pelo email contato@marenoticias.com.br e confira se na associação de moradores de sua favela não tem um exemplar para você. Ajude-nos a melhorar nossa distribuição! Contamos com todos os mareenses!

‘Estudar é um ato político’

Cria da Maré, escritora Adriana Kairos dedica sua vida à educação e à literatura

GRACILENE FIRMINO

O acesso à educação deveria ser garantido a todos – está na Declaração Universal dos Direitos Humanos. A busca pela efetividade desse direito se tornou a missão da professora e escritora **Adriana Kairos**, de 45 anos. Nascida e criada no conjunto de favelas da Maré, ela dedica sua vida a tornar a educação e a literatura acessíveis a quem vem da classe trabalhadora, da favela e da periferia. Filha de nordestinos, seus pais (pai polidor de mármore, mãe dona de casa), apesar de analfabetos, sabiam o valor da educação e incentivaram seus estudos. Desde cedo, Adriana tomou gosto pelo conhecimento.

Segundo pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em julho de 2020, o Brasil ainda registra 11 milhões de analfabetos. Para Adriana, essa questão vai além da falta de estudos: envolve também muito preconceito.

“Existe a questão social, a falta de escolas e de professores, mas observei que outros, como eu, tinham problemas com o aprendizado – queriam aprender mas não conseguiam. As pessoas tendem a achar que crianças não o fazem porque não querem e não é bem assim. Às vezes, vai além da dificuldade de aprender: são distúrbios que precisam ser descobertos, tratados e acompanhados. Esse indivíduo, seja criança, jovem ou adulto, precisa de uma atenção diferenciada e especial. Eu sei disso porque também precisei de ajuda”, conta a professora.

Inclusão e educação

Assim que ingressou no

MATHEUS AFFONSO



A professora e escritora Adriana Kairos dedica sua vida a tornar a educação e a literatura acessíveis a quem vem da classe trabalhadora, da favela e da periferia

curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Adriana percebeu que podia fazer mais pelo lugar de onde vinha e fundou um Clube de Reforço Escolar, em 2012. “As dificuldades dos filhos dos trabalhadores eram as mesmas que eu tinha com a idade deles. Comecei a observar o sistema educacional da cidade, que sempre foi muito ruim. A partir disso, junto com outras companheiras, pensei sobre esses problemas e organizei todo um projeto de educação. Assim, nasceu o Clube do Reforço Escolar. Minhas colegas, uma pedagoga e uma estudante de Letras como eu, acabaram seguindo outros caminhos. Acharam o projeto muito utópico da minha parte. Mas, na minha opinião, todo educador é um pouco utópico”, diz.

Porém, para Adriana, o lugar ideal existe. “Acredito muito no que estou fazendo. O AKairos Curso Preparatório oferece mensalidades a preços populares, e ali eu trabalho com uma equipe multidisciplinar: tenho o apoio de psicólogo, fonoaudiólogo, e eu mesma estou fazendo uma pós-graduação em psicopedagogia,

porque compreendo as dificuldades e os desafios da educação no nosso território”, explica.

Segundo ela, “quando falo isso me refiro a qualquer espaço de periferia. Várias coisas podem dificultar o caminhar por meio dos estudos e a inserção desse sujeito nesse meio. Porque daqui a algum tempo, ele estará no mercado de trabalho, e precisa de algumas coisas, esse trilhar precisa de ferramentas para que ele possa ter garantido seus direitos. Não apenas no mercado de trabalho, como também na vida. Poder ter acesso à educação faz toda a diferença. Estudar é um ato político”, conclui.

Kairos: o momento certo

Kairos é uma palavra de origem grega, que significa “momento certo” ou “oportuno”, e se refere à antiga noção que os gregos tinham do tempo, a partir do deus grego de mesmo nome. Kairos era filho de Cronos; ao contrário de seu pai, ele expressava uma ideia considerada metafórica do tempo. Para Kairos, o tempo era não-linear, ou seja, não se pode determinar ou medir. Kairos seria o período ide-

al para a realização de uma coisa específica. Mesmo sem saber na época, Adriana escolheu um sobrenome que viria a combinar e fazer sentido diante de toda sua trajetória. Ela foi mãe aos 17, terminou o ensino médio aos 30, ingressou na universidade aos 32 anos e atualmente cursa sua pós-graduação. Para ela, o tempo não é linear.

Adriana escreve desde os dez anos e, além de seu trabalho com diversos escritores no projeto cultural “A Literatura dos Espaços Populares Agora (Alepa)”, já publicou seis livros. Por isso, seu próximo projeto é o curso *Eu Escritor – Da Escrita, a Preparação de Originais e a Publicação*, para ensinar o “caminho das pedras” a entusiastas e escritores iniciantes. O projeto, que começaria em agosto deste ano, foi adiado para janeiro de 2022 devido a um agravamento na retinopatia diabética de Adriana, que causou uma perda acentuada de sua visão. “Acho que vai ser muito legal. Será o mês de férias da maioria. Ainda não tenho data de início, mas com certeza ele será ministrado no primeiro mês de 2022”. É o Kairos novamente. Tudo no momento certo.

Gotas de vida: doação de leite na Maré

Mobilização visa aumentar o estoque do banco de leite e incentivar a amamentação



MATHIEUS AFFONSO

Atualmente, o Brasil tem 220 pontos de coleta; na Maré, a Clínica da Família Adib Jatene tem uma sala própria para coleta e acolhimento de mães e bebês

EDU CARVALHO

Mesmo indicado como o melhor alimento até os seis meses de vida, muitas crianças são privadas do leite materno por dificuldades da mulher em amamentar – seja por uma condição física ou psicológica. Para ajudá-las, existe um exército silencioso que atua para facilitar o acesso ao leite materno (que reduz em até 13% a mortalidade de crianças menores de cinco anos): por causa do trabalho da técnica em enfermagem **Zilda Santos** e de dezenas de agentes de saúde em territórios gigantes como a Maré e a Penha, milhares de mães puderam doar leite, ajudando centenas de crianças a ter uma vida mais saudável.

“Foi assim que criei um projeto de doação de leite, que aconteceu por causa das mulheres que faziam parte do grupo de acompanhamento da gravidez. Elas começaram a voltar com a mama cheia – isso pode causar infecções,

como mastite, além de febre e muita dor”, conta Zilda que, atualmente, é apoiadora técnica da linha da criança e do adolescente da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro.

Atualmente, as clínicas da família e unidades de saúde de toda a região da Maré concentram esforços para aumentar a doação de leite materno. Para doar, basta acessar seu agente de saúde direto ou até mesmo ir até ao posto mais perto de casa.

Uma trajetória volta para a doação (e seus obstáculos)

Aos poucos, o que representava na caminhada de Zilda um auxílio individualizado às mulheres em atendimento se tornou contribuição indispensável para as Unidades de Terapia Intensiva (UTIs). O leite é importante especialmente para prematuros internados que não podem ser amamentados. A cada ano, no Brasil, são estima-

dos 330 mil nascimentos de bebês prematuros ou de baixo peso, o que representa 11% das crianças nascidas no país. Ao receber esse leite, estas crianças têm mais chances de recuperação.

Quando a técnica de enfermagem ouviu de um cirurgião: “Tem leite humano pasteurizado?”, logo pensou: “Eu jogo um monte de leite fora, como vou fazer com que ele chegue aqui?”. À época, não havia o sistema de gerência. Ao conversar com uma integrante do grupo da unidade, sou-

be que, para armazenar o leite, seria necessário um freezer, comprado posteriormente com o dinheiro doado pelos moradores da comunidade.

As melhores embalagens para guardar o leite são potes de vidros com tampas de plástico, como os de café solúvel. “O leite humano precisa ser preservado nesse tipo de frasco, senão oxida. A embalagem não pode ser de plástico, porque este tem substâncias cancerígenas que acabam contaminando o leite. Além disso, tem a questão da limpeza: o frasco de vidro é reaproveitado milhares de vezes, sempre esterilizado”, afirma a profissional de saúde.

Zilda começou a fazer a coleta em todas as comunidades da Maré e região, levando o leite doado para o banco de leite humano do Instituto Fernandes Figueira (IFF), no Flamengo, zona sul do Rio. Era uma missão pessoal, já que a equipe não conseguia entrar nas favelas e fazer o recolhimento.

Numa conversa que teve com uma atendente, ouviu que seu trabalho era fun-



MATHIEUS AFFONSO

Potes de vidros já esterilizados esperam a doação de leite. Unidades de saúde da Maré precisam de doações desses frascos



MATHEUS AFFONSO

O certificado de posto de recebimento de leite humano é destaque na Clínica da Família Adib Jatene, na Baixa do Sapateiro

damental, mas que outras pessoas envolvidas com a iniciativa não poderiam entrar nas favelas. “Ela me parabenizou e perguntou se eu não podia descer com o leite até a via mais próxima, que de lá eles pegavam. Eu descia com um isopor, mantendo um fluxo constante”, relembra. O processo durou cerca de dois anos.

Em um curso de especialização tempos depois, Zilda se viu lotada na unidade de saúde que hoje é a Clínica da Família Aloísio Novis, na Penha. Por lá, o mesmo problema: o posto mantinha um banco de leite, mas sempre vazio. Se em 2011 ela investiu no treinamento de agentes, no ano seguinte Zilda assumiu a coordenação da região da Maré, com a abertura de mais pontos de coleta de leite humano.

Em 2015, a técnica em enfermagem foi convidada a tornar sua ação um projeto instituído pela Secretaria Municipal de Saúde, e assim foi até 2018. Com fomento, mais de 600 profissionais eram capacitados ao ano para fazer o recolhimento em 15 postos de coleta. Por semana, em média, cerca de 60 frascos de leite eram distribuídos. O projeto foi descontinuado na gestão do ex-prefeito Marcelo Crivella (2016-2020). “Ele não achou importante”, lamenta.

Com o fim do programa, a iniciativa voltou à estaca zero e todo o esforço de 15 anos recomeçou. “Pegava tudo com meu carro. As pessoas não tinham mais o incentivo, foram parando. Quando a pandemia veio, aca-

bou mesmo.” Mas como diz o ditado, “a esperança é a última que morre”: uma pontinha de motivação restava aos que fizeram parte das formações nos anos anteriores.

Conexões que tornam possíveis as doações

Atualmente, são 20 frascos de leite recolhidos semanalmente. Toda mulher que amamenta é uma doadora em potencial; basta ser saudável e não tomar nenhum medicamento que interfira na amamentação. Para Zilda, a maior dificuldade está na relação direta do agente de saúde com a moradora. “A mulher está com bebê no colo, às vezes ela não consegue sair de casa. Se não tiver orientação adequada, ela não vai coletar, acaba indo pra debaixo do chuveiro pra ordenhar o leite, que acaba indo pelo ralo. Por isso a importância do profissional estar atento na hora de abordar e acompanhar essa mãe”, diz.

Durante os três anos que a Secretaria de Saúde apoiou o projeto, uma metodologia foi criada para treinar o profissional de saúde para incentivar, durante todo o período da gravidez, o aleitamento materno. “Se você pensar, o aleitamento não é só comida. Aleitamento é vínculo, saúde. Uma gota desse leite vale mais que duzentas vacinas. Quando você trabalha nesse processo, essa mãe faz (o aleitamento) até o sexto mês do bebê, que crescerá como uma criança protegida de doenças”, explica.

Em maio, no lançamento da Cam-

panha Nacional de Doação de Leite Materno 2021, o Ministério da Saúde divulgou números, buscando ampliar ainda mais a coleta de leite para atender à demanda no país. Atualmente, o Brasil conta com 222 bancos de leite materno e 220 pontos de coleta. Em 2020, foram doados 229 mil litros de leite materno por 182 mil mulheres. Esses números marcaram um aumento de 2,7% em relação ao ano anterior.

O leite materno reduz as chances de a criança sofrer com doenças que podem levá-la a um leito do SUS, de custo diário de R\$ 2 mil. Caso apresente infecção respiratória, o bebê tem que ficar por 14 dias internado. A conta sobe para R\$ 28 mil – sem contar as sequelas para a criança e o sofrimento da família.

“A mãe que amamenta também não usa fórmula, que custa caro, em média R\$ 80 uma lata. Para uma mãe de favela, esse dinheiro é muito. Você acha que nossa população vai ter como comprar a fórmula? Não vai”, enfatiza Zilda. Segundo ela, se torna urgente disseminar os benefícios do aleitamento materno, incentivar a doação de leite humano e, como prioridade, fazer com que o trabalho comece dentro da unidade de saúde.

“Quando a mãe vem à unidade para o teste do pezinho, cabe um entendimento maior sobre tudo. Escutá-la sobre o pré-natal, o parto, se teve trauma, se sofreu violência obstétrica, se tem problemas para amamentar, ensinar a retirar o leite de forma correta e dar o frasco. Pronto: se tudo isso for feito, ela vai ser uma doadora”, diz Zilda.

Os resultados de campanhas de incentivo nos territórios sobre gerência da Coordenadoria de Atenção Primária da Área de Planejamento, mais conhecida como CAP 3.1, comprovam. De 2015 a 2018, a mortalidade infantil foi reduzida em 48%. Nesses anos, eventos de incentivo e mobilização aconteceram, como o *Mamaço Maré*, que de uma vez só reuniu 400 mulheres na Vila Olímpica; a *Caminhada da Amamentação*, com moradores de Vigário Geral, Jardim América e Heitor dos Prazeres; e a reunião, em 2017, de 1.500 pessoas na Igreja da Penha. “Não tinha espaço nem na escadaria”, Zilda lembra, feliz.

Mulheres reivindicam atendimento ginecológico na Maré

Organizações não Governamentais (ONGs) tentam suprir carência por meio de projetos alternativos

GRACILENE FIRMINO

Devido à pandemia de covid-19, consultas e tratamentos para outras doenças foram suspensos ou remarcados para um futuro distante – e isso vale tanto para exames de rotina e consultas preventivas ao acompanhamento de enfermidades graves, como câncer. Isso é o que tem acontecido com o atendimento ginecológico na Maré. Mulheres relatam que o que já era complicado, piorou na pandemia. Elas são maioria no conjunto de favelas da Zona Norte do Rio: segundo o Censo Maré de 2019, as mulheres são quase 71 mil, enquanto os homens somam 68 mil. Por isso, coletivos e organizações civis tentam preencher essa lacuna na atenção à saúde feminina oferecendo alternativas para as mareenses.

Ter acesso a um especialista, como obstetra ou ginecologista, é um direito garantido por lei no Brasil, mas nem todas têm acesso a ele. **Marcela Gomes**, de 20 anos, fotógrafa e distribuidora do jornal Maré de Notícias, conta que jamais conseguiu atendimento ginecológico nas clínicas da família da região. “Todas as vezes em que tentei marcar uma consulta a resposta era a mesma: ‘Seu nome está na lista.’ Muitas mulheres contam o mesmo, que não conseguem ser atendidas por um ginecologista”, diz.

Sem atendimento especializado nem informações

Segundo Marcela, ver um clínico geral nas unidades de saúde da Maré já é difícil, e a situação piora quando se fala de especialidades como saúde da mulher. “O atendimento público especializado não existe aqui. Tive um problema ginecológico há alguns anos e precisei buscar ajuda na rede particular e gastar um dinheiro que minha mãe



Consultório de atendimento ginecológico fechado: consultas de rotina praticamente não existem nas unidades básicas de saúde da Maré

se desdobrou para arranjar. Fiquei seis meses sem menstruar, era um problema que poderia ser algo sério e não consegui o atendimento via Sistema Único de Saúde. Hoje em dia, se tivesse algum outro problema parecido, não poderia arcar com isso. E como ficaria?”, cobra.

Sobre o acesso a métodos contraceptivos, Marcela diz ter conhecimento de que eles existem e estão disponíveis nas clínicas, mas não todos e nem sempre. “Não conheço ninguém que já tenha realizado exames clínicos ou laboratoriais nas clínicas da família daqui. Também nunca tive essa oportunidade. Acesso a métodos contraceptivos, como preservativo, pílulas anticoncepcionais e injeções são mais fáceis de conseguir. Mas também nem sempre tem e como não existe um acompanhamento, muitas pessoas que conheço acabam se medicando por conta própria. Não tem assistência para as mulheres que estão iniciando seu período reprodutivo.

O sistema de saúde para a mulher aqui é sucateado”, critica.

Organizações civis colaboram

Andreza Dionísio, assistente social e articuladora da Casa das Mulheres da Maré, conta que já esteve nos dois lados do atendimento e tenta entender a estrutura da saúde pública primária. “Enquanto usuária, tinha raiva quando não conseguia o atendimento. De fato, a consulta de rotina praticamente não existe nas unidades básicas de saúde. Mas, agora, trabalhando nesse meio, tento ressignificar essa assistência. O problema é estrutural e é mais complexo do que pensamos.” Andreza está à frente das ações relacionadas aos direitos sexuais e reprodutivos na Casa da Mulher e acompanha de perto essas demandas.

Já **Júlia Leal**, também assistente social e coordenadora da Casa das Mulheres, fala sobre a possibilidade de maior capacitação para que os médicos da família sejam capazes de acompanhar a saúde da mulher de forma mais aprofundada. “As mulheres não têm acesso a todos os métodos contraceptivos. Até porque nem todos os médicos são capacitados para colocar um dispositivo intrauterino (DIU), por exemplo.”

“As consultas ginecológicas não foram consideradas essenciais na pandemia, e isso vem prejudicando a saúde como um todo e no longo prazo.”

JÚLIA LEAL, coordenadora da Casa das Mulheres da Maré

A Casa das Mulheres completa cinco anos de existência em outubro, mantendo-se fiel à sua gênese, com mulheres protagonistas em diversas lutas por direitos e melhorias. A entidade implementa um conjunto de projetos e ações, com metodologias inovadoras, para o enfrentamento da violência, inclusive obstétrica e ginecológica. A Casa promove duas ações principais com o intuito de fortalecer o acesso à saúde. “Não há médicos o suficiente nas clínicas da família. O acesso à saúde na Maré não está fácil. Além disso, a gestão municipal anterior sucateou as unidades básicas de saúde, promovendo um verdadeiro desmonte. Hoje, até onde temos conhecimento, todas as clínicas da família têm médico. Mesmo assim, ainda está ruim; existem muitos pontos a serem melhorados”, relata.

Outra questão abordada por Andreza e Júlia, que influenciou na piora do atendimento na saúde, foi a pandemia de covid-19. “As consultas ginecológicas não foram consideradas essenciais na pandemia, e isso vem prejudicando a saúde como um todo e no longo prazo”, diz Júlia. Mas a Casa das Mulheres atua para minimizar esses impactos. “Nosso instituto oferece uma palestra sobre saúde da mulher e quem assiste pode marcar uma consulta ginecológica com inserção de DIU. Também realizamos a capacitação de médicos das clínicas para realizarem esse procedimento. Além disso, contamos com uma parceria com a Coordenadoria Geral de Atenção Primária (CAP) 3.1, o que

facilita essa interação”, conta a coordenadora da Casa das Mulheres.

Segundo Andreza, o problema central da saúde na Maré é a falta de profissionais. “Na primeira vez que oferecemos a palestra recebemos apenas 20 inscrições. Agora, o número de pessoas interessadas subiu para 600. O atendimento à mulher, que deveria ser básico, não existe”, resume.

Além da Casa das Mulheres, outros locais buscam melhores condições de saúde para a mulher mareense. Um deles é o Espaço Casulo, que promove acolhimento, fortalecimento e incentivo às práticas de autonomia, saúde, autogestão e coletividade com e para mulheres prioritariamente pretas e faveladas. Como prioridades, o projeto apoia a autoestima, o fortalecimento, a independência e a coletivização de saberes, com uma abordagem reflexiva sobre práticas cotidianas junto à comunidade. Suas atividades incluem: atendimento psicológico, roda de gestantes e de Ervaria e Fitoterapia.

Outro espaço no qual as mulheres podem buscar apoio é o Centro de Referência de Mulheres da Maré Carminha Rosa (CRMM-CR). O projeto integra o Núcleo de Estudos em Políticas Públicas em Direitos Humanos (NEPP-DH), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Localizado na Vila do João, o CRMMCR tem como objetivos atender e oferecer acompanhamento psicossocial e jurídico, orientar nas desigualdades de gênero e fortalecer a cidadania das mulheres em situação de violência doméstica.



Marcela Gomes, de 20 anos, em frente à clínica onde não conseguiu atendimento ginecológico

Prefeitura garante que há atendimento

Atualmente, sete clínicas da família atendem os territórios que compõem a Maré. A área de atuação de cada uma é determinada pela disposição das ruas. Levando em consideração uma divisão igualitária entre as clínicas e a quantidade de habitantes da Maré (cerca de 140 mil), teríamos 20 mil pessoas atendidas por unidade. Mas, em nota, a Secretaria Municipal de Saúde garante que as mulheres têm acesso ao atendimento especializado: “Elas podem acessá-lo por dois caminhos: espontaneamente, quando for um caso mais urgente, e por meio do agendamento, após ser avaliada por um enfermeiro na própria clínica. Todas as unidades possuem médicos. São ao todo 22 profissionais de saúde atuando na Maré, entre 20 e 40 horas sema-

nais, para atender a população”.

Segundo a Prefeitura, mesmo com a estrutura incompleta, a moradora da Maré conseguirá ser atendida e ter as informações e o acompanhamento de que precisa. “Apesar de haver vagas ainda em aberto para médicos na região, a equipe multiprofissional tem se esforçado muito para dar todo o suporte necessário aos usuários, com foco pautado na Estratégia de Saúde da Família.” Perguntada sobre o acesso a métodos contraceptivos, a secretária disse que eles estão disponíveis “por meio das consultas e do planejamento familiar, que também pode ser feito individualmente em consultório. Nos últimos meses de julho, agosto e setembro, houve 28.947 atendimentos a mulheres em idade fértil nas unidades da Maré.”

Na Maré, é tempo de se pensar a infância

Iniciativa da Redes da Maré debate sobre os primeiros anos de vida da criança

EDU CARVALHO

Para o seu pleno desenvolvimento, uma criança deve experimentar, nos primeiros seis anos de vida, amor e muito estímulo. Com o objetivo de atender a estes pequenos que nasceu o projeto *Primeira Infância Na Maré*, desenvolvido pela Associação Redes de Desenvolvimento da Maré. A iniciativa busca o atendimento e acompanhamento de famílias que sofrem violações de direitos, sempre buscando, a partir da produção de conhecimento sobre a realidade e a articulação territorial, gerar dados que serão usados para melhorar políticas públicas, como as que contemplam saúde e educação.

“Nós, enquanto projeto e instituição, temos pensado que o cuidado com a primeira infância é um tema que diz respeito ao acesso a direitos que atravessa o território. Isso porque pensar o cuidado com a primeira infância é uma experiência muito mais ampla do que considerar o que deve ser feito com a criança”, aponta **Ilana Katz**, uma das coordenadoras do projeto.



Nos seis primeiros anos de vida as brincadeiras são fundamentais para o pleno desenvolvimento da criança, assim como amor, proteção e acolhimento

Quando se trata destes primeiros anos de vida, tão importante quanto o desenvolvimento da criança é pensar também como vive o núcleo familiar onde ela está inserida. “Se a rede de proteção social cumprir a prerrogativa constitucional de ter a criança como prioridade absoluta, isso faz que ela possa exercer o direito de ir e vir no espaço público – mas, para que isso aconteça, é preciso segurança pública. É necessário que o Estado, para proteger as crianças, seja capaz de oferecer condições estruturais para que suas famí-

lias acessem seus direitos”, aponta Ilana.

O ciclo de encontros abertos do projeto foi iniciado em junho e tem programação especial até dezembro. Ilana enfatiza que todos os assuntos discutidos na roda foram muito bem aceitos pelos participantes, além de provocarem reflexões posteriores. “Discuti-los nos deu oportunidade de legitimar as práticas de cuidado próprias da Maré e da experiência de favela, nos permitindo construir com as pessoas a compreensão da primeira infância para além da ideia de déficit e de falta centrada em vulnerabilidades individuais”, diz.

Ao todo, 50 famílias são acompanhadas pelo projeto, criando vínculos mais fortes no território e aumentando a variedade de estratégias para discussões e ações. “Temos investido sobretudo nos relatos das pessoas e na conexão dos adultos com sua experiência de infância. A intenção é criar espaços de escuta para os

pequenos, além de promovermos intercâmbios mediados entre adultos e crianças, procurando também dar lugar para as práticas de cuidado inventadas por cada família”, explica.

O objetivo final é manter um diálogo permanente com a comunidade, incentivando as pessoas a participarem e, assim, enriquecendo ainda mais as conversas, hoje restritas a profissionais que trabalham com o tema. A outra coordenadora do *Primeira Infância na Maré*, **Tábata Lugão**, esclarece dúvidas sobre o projeto através do email tabata@redesdamare.org.br. Para quem quiser participar, foi criado um formulário digital para as inscrições: <https://bit.ly/3m3tqxh>.

“Nossos encontros abertos para formação sobre os temas que afetam a primeira infância começaram em junho deste ano e temos uma programação até dezembro. Reforçamos o convite a todos, pois esse é um espaço de trocas importante



Ao todo, 50 famílias são acompanhadas pelo projeto “Primeira Infância Na Maré”



DOUGLAS LOPES

Objetivo da iniciativa é manter um diálogo permanente com a comunidade e ampliar alcance do debate sobre a primeira infância que vai além de quem trabalha com infância", afirma Tábata.

Iniciativas cidadãs

Na Maré, entidades e instituições buscam ocupar o espaço deixado pelo poder público quanto ao acesso a direitos e cuidados fundamentais nos primeiros anos de vida. Um bom exemplo é o Projeto Uerê, uma escola-modelo com metodologia própria destinada a crianças e jovens entre quatro e dezoto anos.

Segundo **Yvonne Bezerra de Melo**, fundadora da iniciativa, "as políticas para crianças no país não são robustas, infelizmente. Atuamos em áreas onde os governos são falhos. Damos qualidade de vida para milhões de crianças excluídas", diz.

Penalizadas pela criminalização do território, as crianças até seis anos são as que mais sentem os impactos da violência. "A maioria chega traumatizada por todos os tipos de violência, o que faz com que tenham problemas

de aprendizagem", conta Yvonne, conhecida por, há mais de 23 anos, lutar pela infância nas favelas e periferias do Rio.

A mudança pode vir através do ensino da música, da tecnologia ou mesmo de esportes, como acontece na ONG Luta Pela Paz, que tem em sua grade aulas de boxe, jiu-jitsu, muay thai, capoeira e judô, além de reforço escolar e capacitação para jovens em busca de uma chance no mercado

de trabalho.

"De modo geral, o esporte oferece momentos de integração, alegria, amizade, respeito, entre outros fatores de suma importância para o desenvolvimento da criança, além de ensinar a importância do compromisso, da pontualidade, do respeito às diferenças, da resistência, de ganhar e perder", diz **Roberto Custódio**, coordenador esportivo da entidade.

Segundo ele, o proble-

ma crucial é a falta de investimento de base, para que os pequenos possam se desenvolver plenamente. "Crianças e jovens encontram-se perdidos, sem estímulo, sem referências, sem saber que profissão ou esporte desejam seguir. Mas isso não é indicativo de ócio ou desinteresse, e sim de não ter um estímulo, conhecimento amplo das áreas, além de meios para alcançar o que se quer", lamenta.

Nesse sentido, foi criada a Rede Nacional Primeira Infância (RNPI). Ao reunir organizações da sociedade civil, governo e setor privado, o objetivo da rede é promover e garantir os direitos inerentes à Primeira Infância, segundo a Constituição: "É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar

à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à

vida, à saúde, à alimentação,

à educação, ao lazer, à profissionalização,

à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária".

O prazo para sua implementação se estende até 2022.



DOUGLAS LOPES

Quando se trata dos primeiros anos de vida, é essencial pensar não somente na criança como também na família com quem ela vive

A luta urgente contra a desigualdade escolar

Número de explicadores aumenta na Maré como alternativa para diminuir possível déficit no aprendizado por conta do distanciamento social

ADRIANA PAVLOVA

Você já deve ter esbarrado com placas na frente de casas oferecendo “Explicadora” ou “Reforço Escolar”, ou mesmo recebido propaganda de professores particulares no seu celular. Uma tradição local, os explicadores escolares nunca foram tantos e tão procurados nas 16 favelas da Maré – e não é para menos. Depois de um ano e meio de pandemia de covid-19, a situação dos alunos continua incerta, deixando seus responsáveis (além das próprias crianças), muito angustiados.

Para quem pode apertar o orçamento, a solução tem sido recorrer ao reforço escolar pago, uma vez que as escolas públicas ainda não têm uma política efetiva para diminuir os flagrantes prejuízos na aprendizagem dos estudantes. Pesquisas como *Perda de Aprendizagem na Pandemia*, uma parceria entre o Insper e o Instituto Unibanco, mostraram que, de novo, os grandes prejudicados são os mais pobres e vulneráveis, contribuindo para aumentar ainda mais a histórica desigualdade na educação dos brasileiros.

“Ter uma explicadora num momento de pandemia fez toda a diferença, salvou o meu filho porque nem tudo eu sei ensinar”, diz a fornecedora de quentinhas **Martineli Santana**, moradora da Nova Holanda, cujo filho, **Leonardo**, é aluno da pedagoga



Mayara Selebri, que dá aulas numa sala também na Nova Holanda.

Aluno do 5º ano na Escola Municipal Nova Holanda, Leonardo havia recomeçado o reforço com Mayara no ano passado, pouco antes da explosão da crise sanitária: “A comunicação com as professoras teve que ser feita por WhatsApp e meu celular não tinha espaço para baixar o aplicativo da Prefeitura para atividades. Este ano, as aulas voltaram em ritmo lento: há revezamento para que as salas não fiquem cheias e o horário agora é

menor. Já aconteceu das aulas serem suspensas por causa de contaminação de covid. Se não fosse a Mayara, eu estaria frita. Leonardo continuou evoluindo muito bem na aprendizagem”, afirma Martineli.

Um estudo realizado pelo Laboratório de Pesquisa em Oportunidades Educacionais (Lapope) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) sobre o impacto da pandemia de covid-19 no bem-estar e aprendizado na pré-escola dá a dimensão dos prejuízos imensos no cotidiano dos estudantes brasileiros. A pesquisa mostrou que, para mais de 60% das famílias de alunos de escola pública, a falta de acesso ou a baixa qualidade de acesso à internet dificultou a realização de atividades remotas, enquanto o número é bem menor (17%) quando se trata de famílias com filhos na escola privada. Da mesma forma, cerca de 30% dos alunos de escolas públicas não tiveram nenhum tipo de contato com os professores durante os momentos mais críticos da pandemia; o número cai para 10% entre as crianças do ensino privado.

Os dados recolhidos pelos pesquisadores da UFRJ se assemelham ao resultado do estudo *Educação de meninas e covid-19 no conjunto de favelas da Maré*, realizado pela Redes



“Sabemos que, sobretudo na primeira infância, a escola tem um efeito protetor, principalmente para as crianças em situação de vulnerabilidade. Para quem não tem redes de suporte, a escola diminui a desigualdade porque os professores estimulam o aluno, há benefícios de alimentação e de interação social.”

TIAGO BARTHOLO

doutor em Educação pela UFRJ

da Maré em parceria com o Fundo Malala, que mostrou que 34,7% das mais de mil entrevistadas não tinham acesso à internet em casa, e 66,5% não conseguiram manter a rotina de estudos.

O distanciamento tão longo entre professores e alunos muito provavelmente é uma das causas do sumiço de estudantes nas salas das 47 escolas públicas da Maré, mesmo depois do retorno das aulas presenciais. Uma professora de uma das escolas municipais de ensino integral conta que, dos 31 matriculados em sua turma, o número de alunos em sala varia de 10 a 18 por dia desde que o ensino presencial voltou. Os outros 13 estão oficialmente no sistema remoto, só que jamais fizeram contato. Durante a temporada de isolamento, sem aulas presenciais, ela não conseguiu interagir com a maioria das famílias, nem por WhatsApp. A boa notícia é que quem voltou às salas está feliz.

Não por um acaso, para 70% dos professores ouvidos pelos pesquisadores da UFRJ houve impacto negativo no desenvolvimento da expressão oral, corporal, no relacionamento interpessoal e até mesmo na nutrição das crianças durante o isolamento.

“Sabemos que, sobretudo na primeira infância, a

escola tem um efeito protetor, principalmente para as crianças em situação de vulnerabilidade. Para quem não tem redes de suporte, a escola diminui a desigualdade porque os professores estimulam o aluno, há benefícios de alimentação e de interação social”, avalia **Tiago Bartholo**, que conduziu o estudo da UFRJ junto com a professora Mariane Koslinski, com o apoio da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal.

Dados da 4ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), da Secretaria Municipal de Educação, confirmam a evasão dos alunos nas escolas da Maré. Dos 17.099 cartões de alimentação escolar disponibilizados pela Prefeitura para os alunos na pandemia, por conta da suspensão das aulas presenciais, 16.336 foram efetivamente retirados. Em setembro de 2021, dos 17.297 alunos matriculados, cerca de 1.600 não estavam frequentando as aulas e nem tinham qualquer contato com a escola.

Apesar desse quadro, ainda segundo Tiago, os prejuízos na educação de crianças e jovens brasileiros não são irreversíveis. “Se forem feitos programas públicos bem desenhados, as perdas podem ser revertidas. Programas que segreguem alunos devem ser evitados, porque gru-

pos heterogêneos geram mais ganhos para todos. Outra sugestão é de aulas de reforço para grupos pequenos. E o maior impacto para reverter esse quadro é investir no professor, peça-chave de todo o processo de aprendizagem”, sugere.

Segundo **Fátima Lima Barros**, coordenadora da 4ª CRE, há escolas municipais na Maré já oferecendo aulas presenciais e remotas de reforço, mas cada unidade tem liberdade de encontrar o melhor formato. Ela cita ainda o Plano *Rio Futuro*, que prevê um programa de reforço mais estruturado e aulas nas férias escolares, sem, contudo, dar datas precisas. Outra iniciativa, de acordo com Fátima, é a busca dos alunos que estão fora da escola: “Como em muitos casos perdemos o contato por telefone, contamos com parcerias com as associações de moradores para descobrir o paradeiro dos alunos”, diz.

Na falta de um plano oficial mais robusto para reverter os impactos da covid-19 na desigualdade da educação na Maré, são instituições não-governamentais e as famílias que buscam diferentes formas de aliviar perdas. Por isso o trabalho dos professores particulares de reforço escolar nunca foi tão valorizado. “Houve uma explosão na procura na pandemia, por conta da precariedade do ensino remoto. Tem muito aluno que não aprendeu nada em 2020 e continua com dificuldades, principalmente quem estava na alfabetização, ainda mais porque há muita desigualdade no ensino e algumas escolas não voltaram a funcionar direito”, avalia Mayara Selebri.

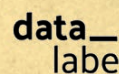
Nos cursos preparatórios para o 6º ano e Ensino Mé-

dio da Redes da Maré, assim que a rotina dos estudantes foi alterada de forma drástica, os educadores exercitaram como nunca a escuta. Se houve um trabalho intenso da Redes para munir os estudantes com tablets para facilitar a conexão tecnológica, na parte pedagógica ferramentas vêm sendo criadas e ajustadas para facilitar a comunicação e consequente aprendizagem. E, claro, manter aceso o interesse dos alunos. “Foram feitas *lives* de aulões interdisciplinares, festas online, rodinhas de bate-papo com jogos, sarau virtual, manutenção da tradicional roda de conversa com os pais, como também criamos apostilas, material físico temático”, diz o coordenador dos cursos, **Daniel Remilik**, afirmando que outro foco trabalhado é a saúde mental de alunos e professores, com ferramentas e encontros virtuais que têm o objetivo de estimular a percepção de sentimentos como ansiedade, tristeza e desânimo.

Finalmente, o projeto *Busca Ativa*, também da Redes da Maré, continua batendo de porta em porta nas 16 comunidades à procura de alunos fora da sala de aula. Instituída em janeiro de forma remota e em junho nas ruas, a iniciativa conseguiu cadastrar 935 crianças e adolescentes até meados de setembro, enquanto vem acompanhando de forma regular 568 deles. A grande maioria vem de listas fornecidas pelas escolas públicas da Maré, mas nas visitas diárias a equipe de campo formada por seis pessoas acaba descobrindo outros tantos estudantes distantes dos bancos escolares, muitas vezes por falta de informação.

Por que tem tanto lixo nas ruas da Maré?

Reportagem: Vinicius Lopes e Ruth Osório
 Dados: Samantha Reis e Paulo Motta Jr
 Edição: Fred Di Giacomo
 Arte: Juliana Messias



Falta de ações coordenadas faz com que os problemas com os resíduos sólidos continuem sendo uma das principais reclamações sobre saneamento na Maré

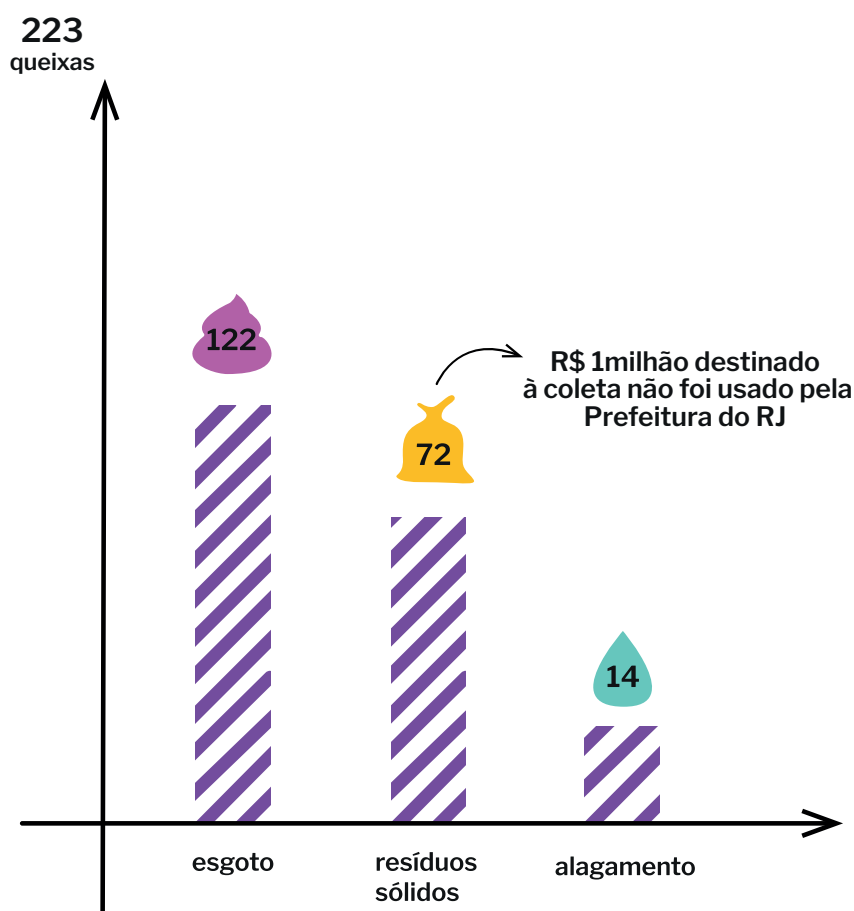
Não deixar ninguém para trás?"

O lema adotado por organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e também pelo aparato governamental do Rio de Janeiro se torna questionável ao se pensar na situação do saneamento básico nas favelas e periferias cariocas. Análises de dados coletados de forma cidadã nos territórios e ainda no Diário Oficial do Rio de Janeiro indicam disparidades entre as favelas e o asfalto no acesso ao saneamento básico.

A falta de políticas públicas pensadas especificamente para favelas faz com que os moradores dessas comunidades enfrentem empecilhos na manutenção de uma vida saudável e segura. Segundo dados do Censo Maré, realizado pela Redes de Desenvolvimento da Maré, há cerca de 140 mil habitantes nos territórios; no entanto, enquanto a população segue aumentando, percebe-se que as intervenções do governo na região não acompanham o mesmo ritmo.

A Maré é formada por 16 comunidades que abrigam aproximadamente 9% de toda a população residente em favelas do Rio de Janeiro. A maioria dos moradores relata que já teve problemas com saneamento básico, sendo o esgotamento sanitário o recordista de reclamações na região. Os números são do Cocozap, projeto do data_labe que monitora e gera dados sobre saneamento básico na Maré. Somente em 2021, foram registradas 223 queixas relacionadas à falta de infraestrutura de saneamento básico. Em primeiro lugar estão as queixas por problemas no esgoto, com 122 denúncias; em segundo, as reclamações relacionadas ao manejo de resíduos sólidos, com 72 registros; e em terceiro, problemas ligados a alagamentos, com 14 relatos. Um relatório publicado no Diário Oficial ratifica a insatisfação da população local quando o assunto é saneamento básico. O documento aponta que até agora, a remoção

entulhos e resíduos está entre os serviços mais solicitados à prefeitura do Rio de Janeiro em 2021 através da Central 1746 de Atendimento ao Cidadão.



Uma andorinha só não faz verão

Quando se trata da articulação para melhorias no sistema de saneamento básico nos territórios, a luta de moradores e lideranças locais se destaca. Nos anos 1970, a primeira chapa de liderança comunitária na Maré foi escolhida através de eleições diretas e, a partir daí, a luta por direitos sanitários passou a ter mais força, e ela continua até os dias de hoje.

Além das lideranças locais na luta por uma qualidade melhor nos serviços ligados ao saneamento, a Maré conta com uma subadministração da Comlurb com o mesmo objetivo. Segundo Wanderson Evangelista, atual gerente da Comlurb da Maré, o complexo de favelas possui uma equipe com número suficiente de garis e equipamentos para o manejo de resíduos sólidos (basicamente, lixo e entulho); ele ressalta, porém, que deveria haver políticas públicas voltadas para os problemas estruturais da região.

"Por mais que a Comlurb preste o serviço de coleta diariamente, faltam ações governamentais de apoio à educação ambiental. A gente faz a nossa parte para educar, mas a Maré é enorme, é preciso envolver mais atores", afirma Wanderson, que trabalha na Comlurb há 25 anos.

Na contramão do esperado, a Prefeitura do Rio de Janeiro deixou de investir cerca de R\$ 1 milhão do orçamento previsto na limpeza e no manejo de resíduos sólidos em comunidades em situação de vulnerabilidade social em 2020. E quando se trata de destinação sustentável do lixo, o número é ainda mais gritante: foram menos R\$ 29 milhões alocados para esse fim, mesmo com disponibilidade orçamentária.



R\$ 29 milhões

não foram alocados para destinação sustentável do lixo mesmo com disponibilidade orçamentária



fonte: Diário Oficial

O Plano Municipal de Educação Ambiental da Cidade do Rio de Janeiro, definido pelo Decreto 48.159 de 2020, deveria garantir, entre outros, o "fortalecimento da educação ambiental nas comunidades e o incentivo à participação comunitária no reconhecimento dos seus direitos e deveres para a garantia do bem viver e o do exercício ativo da cidadania". No entanto, não é isso o que acontece no território.

Na Maré, a educação ambiental é uma demanda urgente: tanto para desnaturalizar os problemas enfrentados pela maioria dos moradores, como reforçar o papel dos cidadãos na manutenção de um ambiente mais saudável e adequado. Nesse sentido, Wanderson ressalta que existem ações da Comlurb que transformam locais de acúmulo de lixo em canteiros de jardim, mas, segundo ele, uma política de educação ambiental contínua auxiliaria na manutenção desses espaços, e faria com que essas ações fossem multiplicadas.

Um caminho possível?

Lançado em maio deste ano, o programa *Favela com Dignidade* surge como uma iniciativa que busca levar serviços e garantir a cidadania aos moradores de territórios. O projeto é uma iniciativa da Secretaria Especial de Ação Comunitária e, junto à Prefeitura e demais órgãos municipais, visa assegurar direitos a moradores de comunidades do Rio de Janeiro. Falando sobre o projeto, a assessora da Prefeitura Carla Valladão ressalta que, nos últimos seis meses, 53 favelas e comunidades em situação de vulnerabilidade social foram atendidas com serviços públicos, desde saneamento a educação.

Entre as iniciativas do projeto, está o *Recicla Comunidade*, que visa impulsionar a geração de renda dos catadores e auxiliar na reciclagem de resíduos sólidos nas comunidades. O programa-piloto já começou a ser implantado em Manguinhos, na zona norte do Rio. Em nota, a Secretaria Especial de Ação Comunitária (SEAC) ressaltou que "política pública tem que se fazer valer em todas as comunidades. A gente tem que diminuir o número de pessoas vulneráveis. E para isso, temos que trabalhar juntos, unidos. Dar voz e vez aos mais necessitados de serviços da Prefeitura".

Para a apuração desta reportagem, utilizamos a plataforma *Querido Diário* para consultar os diários oficiais do município do Rio de Janeiro no período de 2016 a 2021, usando como palavras-chave os termos "resíduos" e "resíduos sólidos". Foram encontrados 492 registros, sendo os 50 mais recentes classificados como de "nenhuma", "baixa", "média" ou "alta" relevância. *Querido Diário* é uma iniciativa da Open Knowledge, eusa tecnologia para tornar os conteúdos dos diários oficiais dos municípios brasileiros mais transparentes e acessíveis à população. Essa reportagem foi produzida em parceria com Querido Diário e com o jornal Maré de Notícias.

Viu problemas de saneamento nas ruas da Maré? Fotografe! Envie a foto com o endereço da rua para o número 999 - 573 - 216 e salve nos seus contatos



‘Vai se tratar, garota’: a revolução do TikTok

Na indústria musical ou na forma de se relacionar, aplicativo chinês é tendência mundial, especialmente entre as crianças

TAMYRES MATOS

Olhos ávidos em uma face iluminada por um dispositivo com acesso à internet. Essa é a realidade diária de bilhões de pessoas pelo mundo. No caso das crianças, a situação não é diferente, e a maioria delas abre a mesma rede social diversas vezes ao dia: o TikTok. De acordo com a empresa de consultoria digital norte-americana Sensor Tower, o aplicativo chegou ao impressionante número de três bilhões de downloads globais. Com este anúncio de julho deste ano, a empresa chinesa é a primeira fora do universo do Facebook (controladora do WhatsApp, Messenger e Instagram) a alcançar tal marco.

Rastrear a quantidade de crianças e adolescentes entre os usuários não é uma tarefa simples, pois muitos deles se registram com idades acima do que realmente têm (o mínimo recomendado pela própria plataforma é 13 anos). Mas o fenômeno é inegável. Ao entrar na rede social, o usuário é exposto a vídeos com duração entre 15 e 60 segundos, alguns com dublagens - frequentemente com tons humorísticos -, outros com coreografias e *challenges* (desafios) que se espalham de forma extremamente rápida. Desta forma, o TikTok revolucionou a indústria musical e tem influenciado significativas mudanças culturais (inclusive no próprio Facebook, que investiu nos Reels com o mesmo formato).



Geração TikTok: DJ da festa da irmã, Eloanne representa a criançada que tem facilidade para aprender as dancinhas e se diverte com o celular nas mãos

O aniversário da pequena Eloah, de apenas 1 ano, na Nova Holanda, uma das favelas da Maré, é um bom demonstrativo dessa influência. O tema era “confeitaria”, mas a força propulsora definitivamente foi o TikTok. A playlist foi montada pela irmã da aniversariante, Eloanne, de 9 anos. A lista de músicas - na verdade, trechos de menos de um minuto - intercalava sucessos da rede social com destaques do arrocha e do piseiro. E o engajamento do público compensou.

“Todas as crianças são fanáticas por essas músicas e dancinhas. Elas sabem todas as coreografias mais famosas. Boa parte dos adultos também acompanhava os passos. Aqui em casa é assim: Eloah só sossega quando escuta TikTok e Eloanne a mesma coisa. Não tinha nem como colocar música da Xuxa porque elas nem

sabem quem é. Não tem jeito, o TikTok é a inspiração no momento”, conta **Roane Martins Lino**, de 30 anos, mãe das meninas.

A partir do relato da Roane é possível concluir que a imersão no universo das telas, intensificada pelo período de pandemia, tem alterado a vivência destas crianças e adolescentes de diversas maneiras. Para **Evelyn Eisenstein**, premiada

internacionalmente em medicina do adolescente e professora da pós-graduação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é importante enfatizar que as telas podem, sim, auxiliar na comunicação, mas isso não significa necessariamente uma melhora na sociabilidade. “Estas crianças têm etapas para seu desenvolvimento psicomotor e das suas habilidades e a tela proporciona, na verdade,



Roane Martins Lino com a família na festa de aniversário na qual a playlist foi músicas do TikTok

uma dissonância cognitivo-afetiva: a criança sabe muito sobre as telas, mas tem dificuldade ao expressar as emoções. E estamos vendo todos os tipos de aumento dos comportamentos de risco em adolescentes que ficaram em casa, devido à pandemia, em frente às telas", explica.

Alerta aceso

A utilização do TikTok pelos filhos mais velhos (ela também é mãe de Daniel Lucas, de 13 anos) não incomoda Roane, apesar de ela ressaltar que cresceu numa atmosfera muito diferente. Ela acredita que é a maneira que os filhos encontraram para se divertir sem precisar sair de casa. "Eu gosto e me inspiro muito em TikTok", acrescenta Eloanne. No entanto, a mãe reforça que acompanha bem de perto todas as postagens e os acessos.

"Estou sempre em cima, de olho. Eles não usam a rede sozinhos. Vejo no que estão mexendo, com quem estão conversando, até nos vídeos que assistem eu fico atenta para ver se tem um conteúdo inadequado para eles", diz.

Não são poucos os motivos que reforçam a necessidade de atenção próxima dos pais com relação ao uso da rede social (tanto a chinesa como de todas as outras). Em um caso extremo, Lucas Santos, de 16 anos, filho da cantora de forró Walkyria Santos, matou-se depois de publicar um vídeo no TikTok, em que aparecia em uma brincadeira popular: fingir que beijaria um amigo. Os comentários homofóbicos recebidos na publicação teriam sido o gatilho para o suicídio do adolescente.

"Os pais precisam acompanhar este uso bem de perto. Há diversos riscos aos quais estas crianças e adolescentes estão expostos, entre eles o contato com adultos estranhos que possam ter interesses sexuais, o cyberbullying (bullying virtual) e a sextorsão (ameaça de se divulgar imagens íntimas para forçar alguém a fazer algo). É preciso verificar se eles sabem lidar com convites inapropriados, se conhecem os riscos, se têm recursos para lidar com este tipo de situação. É essencial que eles tenham consciência das ferramentas para se prevenir e,

quando o problema se tornar realidade, é imprescindível saber denunciar", orienta **Juliana Cunha**, psicóloga e diretora da ONG de defesa dos direitos humanos na internet SaferNet Brasil.

Em setembro, o próprio **TikTok** anunciou, após diversas críticas sofridas pela falta de regulação, o incremento no recurso chamado de "sincronização familiar". A plataforma divulgou ter adicionado conselhos para os pais, desenvolvidos em colaboração com adolescentes e especialistas em segurança online de jovens. "As contas dos pais ou responsáveis atualmente vinculadas à conta do adolescente receberão uma notificação para que descubram mais sobre o apoio que os adolescentes gostariam de receber e suas sugestões sobre como abordar conversas sobre alfabetização digital e segurança", diz o comunicado da empresa.

Juliana Cunha explica que, nos casos em que os pais não têm intimidade com as possibilidades das redes sociais, "é sempre bom buscar apoio de um profissional, de alguém de confiança para conversar. Muitas vezes os pais podem acabar subestimando os sinais de alerta devido ao pensamento de que é 'só uma fase'

e que vai passar logo, mas definitivamente não é bem assim. É preciso estar atento para que as coisas não saiam do controle". A diretora da SaferNet Brasil reforça ainda que a idade mínima para entrar nas redes sociais deve ser respeitada.

A versão chinesa do TikTok, chamada Douyin, anunciou em setembro o lançamento de um modo específico para adolescentes, que limita a 40 minutos o tempo que menores de 14 anos podem usar o aplicativo. O app também não vai funcionar entre 22h e 6h e, segundo a empresa proprietária do TikTok e do Douyin, ByteDance, o objetivo é evitar que esta parcela mais jovem dos usuários fique viciada.

Evelyn, que também é coordenadora do Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital e trabalhou no desenvolvimento do *Manual Saúde da Criança na Era Digital*, ressalta uma palavra-chave quando se trata das telas: desconectar. "O melhor que os pais podem fazer é conviver, estimular o convívio afetivo fora das telas. Sair para passear, para dar uma caminhada. Compartilhar momentos em família, desenvolver o senso de cooperação, fazer exercícios. Tudo isso é essencial em qualquer idade, mas especialmente para seres em formação", conclui.

MÃES, PAIS, RESPONSÁVEIS: É HORA DE INTERVIR

Ao refletir sobre os riscos, Juliana reforça que a internet não é a única raiz dos males psicológicos para crianças e adolescentes, mas a exposição a conteúdos nocivos pode ser um gatilho para o sofrimento. Confira uma lista de comportamentos dos jovens usuários das redes sociais que indicam a necessidade de intervenção:

- Mudanças bruscas de comportamento - uma criança muito expansiva que se recolhe excessivamente ou um adolescente carinhoso que se distancia da família;
- Acesso à internet sem acompanhamento dos pais - a utilização às escondidas pode ser um sinal de que alguma situação inadequada está em curso;
- Sintomas psicossomáticos - um jovem que passa a sofrer frequentemente de dores de cabeça, insônia e outros distúrbios;
- Queda repentina no rendimento escolar - a criança que nunca teve grandes problemas não consegue concluir as atividades.

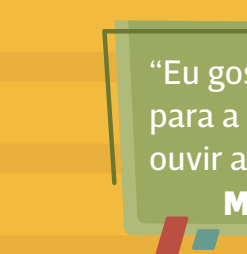


O que elas têm a dizer?

Reunimos um grupo de crianças na Lona Cultural Municipal Herbert Vianna, na Baixa do Sapateiro, para ouvir seus anseios e preocupações



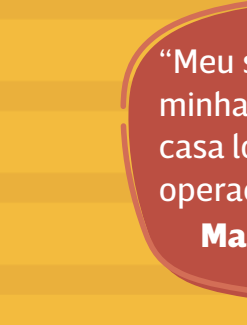
“É proibido ficar com covid e tem que usar máscara. Meu sonho é que a situação da covid-19 melhore na Maré, no Japão, na China...”
Larissa, 11 anos.



“Eu gosto de ler. Senti falta de ir para a escola, aprender o dever, ouvir a professora”
Mel, 8 anos.



“Ganhar muitos seguidores no TikTok”
Luane, 8 anos.



“Meu sonho é poder ajudar minha mãe a comprar uma casa longe dos barulhos e das operações policiais”
Maisa, 12 anos.



“O meu maior desejo é ter uma casa só pra mim”
Djamile, 7 anos.

PALAVRAS CRUZADAS

| Hortaliças do cheiro-verde | Afetada (a estrutura) | Em posição posterior | Dez centenas | Três recipientes utilizados em bares | Fiscal dos ambulantes (bras.) |
|--|--------------------------|---------------------------------|--------------------------|--------------------------------------|--|
| Acarinhar; afagar | | | Alimento do urubu | | |
| 50, em romanos | | | | | |
| (?) Juninas: tradições folclóricas brasileiras | Instrumento para pesar | | | | |
| | | | Sílaba de "urnas" | Adélia Prado, escritora | |
| A Casa dos escritores (sigla) | | Exclusiva; excepcional | | | |
| (?) -mail, correio da internet | Amparo (fig.) Investigar | | | | Insensibilidade |
| Onde está? | | | Cê-cedilha | Prato feito (pop.) | |
| Posição do vôlei | | | O Grêmio, por suas cores | | |
| Berílio (símbolo) | | (?) das Cruzes, cidade paulista | | Estou ciente | |
| Habituais; comuns | | | | | Nome da letra "C" |
| | | | | | Estratégico |
| Telefone (bras.) | | Grande anúncio | | | |
| Que não é flexível | | (?) Moore, atriz (Cin.) | | Título de chefe etíope | |
| | | | | (?) Carolina, cantora | |
| Bem proporcionada | | "Tropa de (?)", filme | | | (?) -condicionado: refrigera ambientes |
| Aquele que sofre muito | | Consoantes de "reto" | | | |
| | | | | Passar o café no filtro | |

BANCO 3/abl. 6/arrimo — festas — mátrix. 10/levantador. 34

Amy Winhouse:
Um dos maiores fenômenos musicais do século XXI.

Disponível nas livrarias!

@editoraagir

Solução

| | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| R | A | V | C | O | R | R | I | T | R | M | A | R | A | V | M |
| A | C | A | I | N | O | M | A | R | A | H | A | R | A | H | |
| V | A | N | U | E | L | I | T | E | N | G | I | T | E | | |
| Z | N | A | I | D | O | O | V | A | R | I | G | I | T | | |
| E | C | E | S | A | V | C | A | R | T | A | G | O | I | T | |
| I | E | C | E | R | M | A | I | S | R | M | O | N | | | |
| R | O | R | D | E | R | B | E | | | | | | | | |
| O | R | T | A | D | O | R | L | E | V | A | N | T | A | D | O |
| F | O | C | A | D | E | C | A | D | E | C | | | | | |
| O | M | I | M | O | | | | | | | | | | | |
| A | V | A | C | A | | | | | | | | | | | |
| A | C | I | N | U | L | A | B | L | | | | | | | |
| P | A | S | T | A | S | T | F | E | | | | | | | |
| A | V | C | A | V | L | A | V | L | A | B | L | | | | |
| R | A | V | I | C | A | V | A | C | A | V | A | | | | |
| T | | | | | | | | | | | | | | | |

VACINA MARÉ

2ª DOSE

DIAS 14, 15 E 16 DE OUTUBRO

Saiba mais em www.vacinamare.org.br

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Fale com a gente!

(21) 97271-9410